

## NPCF FACT CHECKING

Sector da construção civil,  
por Nuno Pinto Coelho de Faria



As linhas que se seguem versam sobre o **Relatório da Comissão Europeia**<sup>1</sup> referente à Primavera de 2020, elaborado e publicado no corrente mês de Maio, o qual contém dados objetivos de previsão da União Europeia para os meses que se seguem.

No entanto, e apesar de o Relatório versar em concreto sobre um horizonte temporal relativamente curto, também se encontram referências de uma forma muito clara ao cenário previsto para o resto do ano de 2020 e ainda previsões para o ano de 2021.

Trata-se de um Relatório com um conteúdo exclusivamente factual e técnico, não estando em causa opiniões, pareceres ou críticas de figuras mais ou menos públicas no cenário político internacional.

Feita esta ressalva, precisamente para demonstrar a seriedade do documento em análise, convida-se desde logo à leitura do que vem apostado nas páginas 110 e 111 do documento, onde vêm concretamente refletidas as **previsões para Portugal**.

---

<sup>1</sup> European Economic Forecast, Institucional Paper 125, May 2020, disponível para download e consulta em [https://ec.europa.eu/info/business-economy-euro/economic-performance-and-forecasts/economic-forecasts/spring-2020-economic-forecast-deep-and-uneven-recession-uncertain-recovery\\_en](https://ec.europa.eu/info/business-economy-euro/economic-performance-and-forecasts/economic-forecasts/spring-2020-economic-forecast-deep-and-uneven-recession-uncertain-recovery_en)



Assim, de acordo com o texto em análise, notamos desde já que estamos perante uma travagem a fundo do PIB em 2020, mas com um agudo crescimento previsto para 2021, embora não vá conseguir superar os níveis verificados em 2019.

Contudo, salientamos a extraordinária importância desta circunstância: de facto, depois do cenário provocado pelo COVID-19 e de uma conseqüente paragem nos setores motor da economia portuguesa, como o turismo e hotelaria, com a perda brutal que em 2020 isso importa, voltar em 2021 (ou seja, em um ano) a níveis em termos de PIB de 2019, é de salientar como notável.

O relatório volta a referir que o **sector da construção** é o menos afectado, talvez porque um a dois meses é pouco tempo para um sector cujo horizonte temporal, em termos económicos, se mede por tendências mais alongadas como trimestres, e que apenas após dois trimestres negativos na procura permite verificar ou notar com maior rigor esses efeitos.

Diz o Relatório:

*“Authorities announced containment measures on 12 March and a state of emergency on 18 March with further restrictions on mobility. Many businesses suspended operations with tourism being the hardest hit. The Commission’s economic sentiment indicator deteriorated strongly in March. Service providers reported the largest decline, **while construction firms were the least affected**. All in all, after growing by 2.2% in 2019, the economy is now projected to contract by 6¾% in 2020 and to rebound by 5¾% in 2021. As a result, GDP is projected to remain below its 2019 levels well into 2021. Risks are tilted to the downside, given Portugal’s reliance on foreign tourism.”<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Pp. 110 do documento.



É portanto mencionada uma queda do produto em 6,75% em 2020, mas também anunciada uma subida para 2021 de 5,75%.

Lê-se ainda no documento: *“Investment in construction is expected to be more resilient, benefiting from the cycle and the newly introduced flexibility in EU funds.”*<sup>3</sup>

Em 2021 a dívida pública deverá ascender a valores que tivemos em 2018, razão pela qual não se fala em austeridade para o futuro, e em 2020 esta dívida pública deverá chegar a números de equivalentes aos verificados em 2016.

A alteração não será grave o suficiente para levar a uma mexida nos impostos com o agravamento, mas, por sua vez, irá agravar o défice, dado que a EU e BCE o consentem ou toleram.

De facto, todos os indicadores apontam para isso mesmo, e tem como justificação diversos factores, como seja, a título de exemplo, a insularidade nacional e o seu menor *“corpo para apanhar tiros, quando comparado com Espanha ou outros países da Europa.”*

Espanha, por sua vez, verá o seu PIB cair 9% em 2020, e, embora em 2021 venha a subir 7%, a verdade é que a queda verificada este ano colocará o PIB espanhol 3% abaixo dos valores que tinha em 2019!

O cenário do nosso país vizinho é então bem mais desanimador do que o nosso e, sendo certo que esse facto terá impactos em Portugal, também é verdade que o nosso mercado interno tirará benefício do espaço que isso confere aos produtores nacionais.

Para a recuperação a nível económico do nosso país acresce ainda a nossa estabilidade política *versus* o panorama espanhol nesse mesmo ponto, a que se soma ainda o facto de o Verão estar a chegar e consigo trazer um esperado abrandamento do efeito

---

<sup>3</sup> Pp. 110 do documento.



“gripe”/espaços colectivos fechados e uma maior conectividade pessoal que, sendo indesejável nos termos das recomendações da DGS, iremos aplicar de forma exemplar espalhando-nos pelos nossos 700 kms de costa e 92 212 km2 de campo.

Sobretudo, estamos em crer que iremos assistir crescentemente a um **fenómeno migratório** de regresso de muitos dos nossos emigrantes de longa duração na Europa, EUA e Canadá, pois tem-se tornado evidente que é mais seguro viver em Vila Viçosa do que em New Jersey ou Ontário, Génève e Luxemburgo.

Alguns deles, já aposentados, irão preferir o “*R/C vista mar e com campo atrás*” que é o nosso país ao invés das urbanizações onde vivem, sendo apenas apoio logístico a segundas e terceiras gerações.

Voltaremos a valorizar as receitas dos nossos emigrantes que o recente progresso nos “habitou” erradamente a desprezar.

Todos os fatores de mobilidade interna forçada irão fazer gastar cá dentro o que muitos gastavam fora.

E, por outro lado, o **Turismo de Portugal já reagiu** com campanha, dentro do que também havíamos previsto nas nossas folhas informativas já publicadas, usando o critério de saúde e de práticas das empresas prestadoras de serviços na área do turismo como essencial na escolha de destino, apresentando-se as empresas como estando já fortemente dedicadas a novas práticas mais saudáveis.

Veja-se o link infra:

<http://business.turismodeportugal.pt/pt/noticias/Paginas/2600-empresas-clean-safe.aspx>



Assim, entendemos que a situação atual deve ser vista como uma “apneia sector a sector”, cada um com maiores ou menores dificuldades, sendo essencial compreender o que é ao deixar-se instalar o pânico que poderá dar origem a asfixia e afogamento.

Numa posição inversa àquela que maiores prejuízos trará, há que haver e ter sangue frio e coragem.

As **empresas do sector da Construção Civil** deverão centrar os seus investimentos na opção ambivalente residencial “1ª ou 2ª habitação” e com potencial para “uso para férias”, sendo previsível e até natural que o modelo ou conceito de Condomínio volte ao esplendor que já teve, agora por questões de segurança e de saúde pública.

É também expectável que em 2020 e parte de 2021 os alojamentos locais sofram um decréscimo de procura, porém é bem provável que famílias ainda assim privilegiem unidades isoladas como os AL, ao invés do conforto e maior “promiscuidade de uso coletivo” dos hotéis.

É expectável o aumento de mão obra disponível.

No sector da construção, devem ser mantidas equipas ativas para intervir em obras novas que advenham destas necessidades de salubridade em locais públicos, e arranjos urgentes para iniciar e manter atividade, com colocação de superfícies de segurança laváveis e que promovam distâncias e separações ou barreiras físicas de pessoas.

Ainda no sector da construção civil, deve recorrer-se a todos os mecanismos adequados a fazer incidir o custo de operação construtiva para a Banca e para os Financiamentos à Construção obtidos, da forma mais elevada e mais avançada possível, para uma máxima liquidez assente em crédito e não capitais próprios.

O cenário não é, nem de perto nem de longe, o de 2012, mas também é verdade que o nosso Turismo, com a dependência externa que tem, irá seguramente sofrer e a



construção civil, que muito tem crescido por causa dele, não deve consumir provisões próprias em débito direto podendo usar crédito.

Contudo, chamamos atenção para os pontos seguintes com relevância para o turismo nacional e, por essa via, também para a construção civil nacional:

É previsível que a falta de consenso alargado internacional, em termos do **sector da aviação e ao nível do transporte aéreo de passageiros**, vá dar espaço às companhias aéreas *Low Cost* para retomarem a normalidade da sua actividade mais cedo do que as demais, pois basta que se passe a exigir que a bordo sejam usadas sempre as máscaras e luvas, que estas rapidamente conseguem começar a voar para “ranges” de 2 a 3 horas de voo.

Isso coloca o Algarve, Lisboa e o Porto novamente no radar dos países do Norte da Europa. O conceito de operação aérea com máscaras e luvas durante todo o voo já será mais fácil de suportar pelos passageiros, já que o serviço a bordo já era excepção e pago/meramente ocasional. Será até mais simples pura e simplesmente deixar de existir.

A regra vai ser, seguramente, a de não haver catering a bordo, para que não haja margem para se tirarem as máscaras e luvas obrigatórias.

Aquelas imagens que nos habituámos a ver como excepção, de passageiros, por regra asiáticos, de máscara durante os voos internacionais, irão ser progressivamente normais em 2020 e 2021.

Por outro lado, os aviões novos, com mais modernos sistema de climatização a bordo serão os que potencialmente podem mais validamente ver mudanças nos assentos ou até nos desenhos das cabines.

Nalguns nem serão necessárias mudanças nos *layouts* internos das cabines dos aparelhos.



Note-se que, por regra, a esmagadora maioria dos aparelhos *Low Cost* são compostos por configurações de cabine com filas de 6 passageiros, 3 em cada lado do corredor. Ora, se levarem 4 - ou seja, dois de cada lado -, rapidamente voltam a voar e mais depressa do que as ditas companhias bandeira, ainda que o preço por viagem suba um pouco.

Esses fatores, aliados à imagem positiva, com mais ou menos maquilhagem, que o país tem e usa com muita frequência, irão certamente beneficiar o Turismo Nacional e, com ele, o sector da construção civil, que sempre teve um pé no mercado interno e outro no cliente internacional (seja residente estrangeiro ou turista)

São então estes os dados que vos convidamos a analisar e que entendemos serem relevantes para o nosso país e para os próximos meses que nos preparamos para atravessar no sector privado da construção civil.

Obras públicas não verão grande impulso e acreditamos que o sector no seu todo não irá ver grandes incrementos, pois o Governo não irá gastar aí o dinheiro que irá pedir emprestado para pagar esta crise.

Por outro lado, a reconversão do parque urbano das nossas cidades efetuada nos últimos anos irá ter ocupação compatível com habitação própria permanente, ao invés da escassez de oferta que já se fazia sentir pela pressão do turismo urbano.

Em suma, a construção civil não registará um abrandamento significativo ou desastroso. Continuará a progredir e seguramente reconverter-se-á.

Nada é estático e, de quando em vez, o mundo dá-nos lições de foco ou sobre a falta que temos tido dele.

De facto, numa época em que havia queixas sobre o subfinanciamento do SNS e uma crescente dívida a laboratórios, resultados de cativações e outros malabarismos de contas públicas, nada como o crú curso da história das civilizações para nos mostrar que os vendedores de brindes e crocs de plástico são agora os guerreiros da linha da frente da



despesa pública na saúde, os laboratórios privados que há muito gostariam de ter um maior envolvimento no SNS passaram a ser a única resposta para os sistemas de despistagem e testes, da mesma forma que, de um dia para o outro, calou-se a conversa do turismo a mais ou do aeroporto a menos, ouvia-se apenas os pássaros a cantar e os cães a ladrar com a caravana a passar.

Nas cidades, durante semanas apenas uma atividade se viu parecer normal: a construção civil. Aquela que, mal ou bem, tem feito do país um corpo equilibrado sobre o mar e com um logradouro verde como entrada, a que muitos acham piada.

Talvez, afinal, vá ficar tudo bem.

Lisboa, 09 de maio de 2020

Elaborada por:

Nuno Pinto Coelho de Faria

nuno.pinto.coelho.faria@npcf.pt



**NPCFADVOGADOS**

Av. Fontes Pereira de Melo, 6 – 3º dto.  
1050 – 121 Lisboa

 [www.npcf.pt](http://www.npcf.pt)

 NPCF